

## Antropoceno e a crise do antropocentrismo, ficando com o problema

O antropocentrismo tem sido posto em xeque no campo dos estudos culturais e antropológicos com bastante vigor, principalmente com a crise que se instaurou a partir dos anos 1960, que tem como eixo a representação da alteridade e da autenticidade nos estudos etnográficos, como apontam James Clifford e George Marcus em *Writing Culture Debates* (1986). Com efeito, o pós-1968 lançou nova luz sobre a maneira de se falar de outros povos, outras existências, e refletir as diferenças que o humanismo até então deixou de fora.

O Homem Vitruviano (cf. BRAIDOTTI, 2013; HARAWAY, 2016), a imagem que melhor catalisa o antropocentrismo com os traços de Leonardo da Vinci, que afigura um homem ocupando o centro da esfera do universo corresponde a um pilar da Modernidade, de repente é posto de cabeça para baixo. Com *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas* (2001), Michel Foucault faz a pergunta seminal para abalar as frágeis paredes do humanismo clássico: “O que conta como humano?” Esta pergunta provoca abalos sísmicos pelo que está fora dessa premissa, ou seja, o que se difere, em níveis e escalas, do homem branco, heterossexual, europeu. A crise do antropocentrismo abre um imenso leque de perspectivas que se desdobra entre a antropologia, a biologia, a semiótica, os estudos pós-coloniais, o feminismo, a filosofia, estudos tecnológicos, a linguística etc. Foucault abriu uma caixa de Pandora, onde são jogados os monstros,

---

<sup>1</sup> Marina Costin Fuser é cientista social, doutora em cinema e estudos de gênero em Sussex (CAPES), com doutorado-sanduíche em Berkeley. Atualmente faz pós-doutorado no IEA-USP sobre tecnologias de aprendizagem e em tecnologias da inteligência sobre a semiótica de robôs feministas no TIDD/PUC-SP. Dentre suas pesquisas, se destacam: um estudo acerca da emancipação da mulher em Simone de Beauvoir, mulheres no teatro político de Hilda Hilst, e o nomadismo no cinema de Trinh T. Minh-ha. Em Sussex, lecionou no campo de estudos culturais. Publicou os livros *Palavras que Dançam à Beira de um Abismo: Mulher na dramaturgia de Hilda Hilst* (EDUC) e co-editou *Mulheres Atrás das Câmeras: As Cineastas Brasileiras de 1930 a 2018* (Estação Liberdade). ORCID: [orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0003-0931-0673](https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0003-0931-0673). E-mail: [marinafuser@hotmail.com](mailto:marinafuser@hotmail.com).

os anômalos, os animais, as plantas, os fungos, os estrangeiros, os não brancos, as mulheres, os homossexuais, os transexuais e até os robôs. Esta crise, nas palavras de Débora Danowski e Eduardo Viveiros de Castro nos aproxima do alienígena, particularmente de “alienígenas” terráqueos, que coabitam o planeta, sendo humanos e não-humanos, mas são mais ou menos desprezados pelo estatuto antropocêntrico:

Fomos invadidos por uma raça disfarçada de humanos, e descobrimos que eles ganharam: nós somos eles. Ou haveria talvez duas espécies de humanos? Uma alienígena e outra indígena? Ou talvez sejam todos e cada um dos humanos que estariam divididos ao meio, uma metade alienígena coabitando com uma metade indígena dentro do mesmo corpo; um ligeiro desajuste de sensibilidade nos teria feito perceber essa autocolonização. (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p. 142).

Em suma, nosso imaginário humano alienígena perpassa por múltiplas invasões de gente (e de ideias) que vem de fora do espectro do “humano”, sendo o “humano” no caso filtrado pelo modelo antropocêntrico, aquele que despreza o indígena e outros seres por sua não “humanidade”, relegando-os à condição de exterioridade, cujas linhas não são bem demarcadas, no terreno pantanoso entre cosmopolíticas e linhas de poder (colonizador/colonizados). Como diz o professor de teoria literária Alexandre Nodari (2013, p. 269), “Se o extra-terrestre é o humano projetado cosmicamente, o extra-humano é o terreno projetando o cosmos”. O humanismo joga tudo para fora do que não é inerente ao mundo que entende à imagem e semelhança narcísica do homem branco e europeu.

Rosi Braidotti (2013) desloca a figura humana do epicentro do universo do Homem Vitruviano de da Vinci para um “zoocentrismo”, com toda uma fauna ocupando este centro. Haraway alterna esta imagem com a figura de um cachorro, ou de um gato, sugerindo a centralidade de espécies companheiras.

Dos múltiplos processos que desencadearam desta crise do antropocentrismo, a tendência que mais se sobressai pela atualidade e a ampla abrangência de campos do saber é o Antropoceno. Trata-se da ideia de que estaríamos em uma nova era, resultante da atividade predatória humana. Ros Gray e Shela Sheikh falam de uma que a destruição do meio ambiente atingiu uma “perspectiva planetária” sobre a extensão e a escala dos danos ambientais, causando danos a populações “por formas de degradação ambiental e expropriação que impactaram cerca de três quartos da superfície terrestre da Terra.” (SHEIKH e GRAY 2018, p. 167)

O Antropoceno seria o tempo da ruína, provocada pela superexploração dos recursos naturais, de outros humanos, de animais e dos bens duráveis, cujas consequências mais sentidas são erosão do solo, o aquecimento global, a extinção de múltiplas espécies e a ameaça apocalíptica que paira sobre a vida na Terra. O termo não é o primeiro e tampouco o único a problematizar a finitude dos recursos terrestres, mas como aponta Katie King (2014), o Antropoceno propicia um discurso prolífico que atravessa diversas áreas e contextos entre as ecologias políticas contemporâneas. O Antropoceno tornou-se um *trend topic*, uma palavra da moda, estampada na capa de jornais científicos (*Global Change*, *Scientific American*, *Nature* etc.), periódicos e em veículos internacionais de notícias como *The New York Times* e *The Economist*. O termo tem gerado expressões estéticas, como a “geopoética” teorizada por Angela Last (2017). Ana Tsing (2015) vai além, em seus estudos de fungos que mostra uma arquitetura de teias e filamentos que configura conexões vitais entre os elementos da natureza, dotados, por assim dizer, de agência, num sentido que não passa pelo humano.

Nos deparamos com a emergência de novas ontologias, novas perspectivas dos seres como partes de um todo que desloca o centro de gravidade desse humano conquistador, colonizador e devastador dos solos. Estudos feministas e pós-coloniais resgatam cosmologias perspectivistas (cf. VIVEIROS DE CASTRO, 1996), pós-humanismos (BRAIDOTTI, 2013) e devires ciborgues (HARAWAY, 2016) que compreendam novas alianças, visando outros estatutos entre espécies, um tratamento responsável da Terra e um desenvolvimento tecnológico que nos ajude a superar o caminho pantanoso que a humanidade vem trilhando, e submetendo toda a vida na Terra.

O Antropoceno é contestado por Donna Haraway (2016) por manter a figura do humano no centro da cena, em detrimento das relações interespecies e por se engajar num discurso catastrofista, anunciando a inevitabilidade do fim dos tempos, que permite pouca margem à ação e a soluções criativas, diante de uma última era geológica da Terra. Haraway entende terra como húmus, e disto decorre a transformação entre as espécies. É o sistema engendrado pelo Capital e sua dimensão destrutiva nas relações o responsável por grande parte do estrago causado no planeta nos últimos séculos. Com efeito, trabalha com a ideia de que estamos lidando com as consequências do Capitaloceno, mas nos convida, por sua vez, a pensar no *Chthuluceno*, figura tentacular que Haraway toma de empréstimo da mitologia grega (*khthôn*, terra) e associa a um tipo de aranha

comum nas *Redwoods* da Califórnia (vegetação próxima de onde ela mora), designado como *Pimoa Chulhu*. Em suas confabulações, Haraway associa *Chtulu* com o pensamento tentacular, que adquire um sentido relacional, como no ato de tecer teias, de conectar pontos através de linhas... Através desses arranjos, ela vê possibilidades de se superar impasses, re(con)figurar uma multiplicidade de arranjos possíveis.

Outros, como Latour (2014) e Tsing (2015), apesar de sinalizarem limitações, se engajam num uso crítico do conceito, por seu potencial em derrubar as paredes que cartesianamente separam natureza e cultura. Mesmo na gama de gato de Haraway, temos que lidar com essas novas configurações, esticar até o limite essas linhas que nos possibilitam re-articular o jogo face aos novos desafios postos. “Ficar com o problema” inclui explorar suas dobras e fissuras, descobrir modos de coexistir face ao imponderável, confabular novas histórias e novos jogos, em tabuleiros cada vez mais complexos, fios mais emaranhados e desconfortos cada vez mais vertiginosos.

Nossa revista propõe olhar mais fundo a esta catástrofe anunciada, explorar suas texturas, seus rastros de fuligem. Começamos com duas entrevistas que conversam entre si: a primeira é com a Katie King. Entre vida e obra, entre as lições que aprendeu com Gregory Bateson e seus jogos de cama de gato com sua orientadora Donna Haraway, a autora nos apresenta algumas considerações sobre seus teares com e sem fios, numa sensibilidade intercontextual entre tecnologias, que nunca perde de vista o jogo e o brincar como estratégia de comunicação. Esta segunda entrevista tem uma abordagem experimental, de jogo, em torno de palavras-chave que as autoras Caren Kaplan e a Patricia Zimmermann pincelam para falar das imagens de drones de cidades vazias durante o breve período de *lockdown* (completo ou parcial) que esvaziou grandes centros urbanos do mundo em 2020 com a primeira onda da pandemia de Covid-19. Elas tratam essas filmagens de drone como gênero cinematográfico e discorrem sobre a melancolia que essas imagens representam. Mais uma vez, elas escolheram ficar com o problema. Não no sentido de que se possa escolher o vírus, mas que uma vez que a pandemia se torna uma realidade, ela passa a ser nosso problema, e nos cabe agir, pensar, refletir esse cenário melancólico, e entender o que podemos aprender com seus rastros, com sua semiose.

Dos drones seguimos a pensar como esses aparatos podem suscitar novas imagens que desloquem o Homem Vitruviano do centro do universo. Com “A semiótica das relações entre humanos e robôs”, nos

questionamos em que medida é possível se pensar as “ciborgues” de hoje (será que falamos do futuro?) nas tentativas de se articular a relação entre as mulheres e a Inteligência Artificial. Ao deslocar a semântica dos ciborgues da Guerra Fria para algo que extravasa o protótipo do herói desbravador, talvez possamos criar novos enredos para os impasses de um mundo que nos fornece fortes sinais de desgaste, um mundo onde a alta tecnologia e a ruína dominam a cena.

Tomamos como ponto de partida para nos aproximar do conceito de Antropoceno através das ruínas. Da ruína ao mundo, da lama ao caos, partimos já dos escombros tecnológicos, que amarram bem a relação entre o arcaico e o tecnológico com o texto “Das ruínas do visível: políticas implicadas na relação com as imagens na era dos *big data*”, de Fernanda de Souza Oliveira, Claudio de Melo Filho e Cesar Augusto Baio Santos. Continuamos seguindo os rastros das ruínas com “Dez notas sobre as ruínas do Antropoceno: uma busca por um solo comum entre diversos campos do saber”, um artigo escrito por várias mãos: Salvador Schavelzon, Marina Guzzo, Teresa Maria Siewerdt, Emanuel Fonseca Lima, Fábio Tremonte e Priscila Luz Gontijo Soares, num ensaio transversal que busca por um solo comum de coexistência entre formas de produção de conhecimento.

Os desdobramentos semióticos do Antropoceno suscitam narrativas mirabolantes, cujo olhar vagueia por abismos de luz entrecortados por grossas camadas de névoa que não nos permitem ver com nitidez. Percorremos os subterrâneos do ser e da cultura para buscar um entendimento do que fazer com este “ponto de não retorno” do Antropoceno com o texto “O Antropoceno é uma outra Coisa/Outra coisa” de Adriano Mesias. São convocados intercessores da literatura de Borges, como Quixote diante de um corpo do qual tirara a vida, em “No Antropoceno, o homem morto pelo Quixote nos fixa o seu olhar”, de Vinicius Prates. O Antropoceno faz inverter a relação de interioridade/ exterioridade entre natureza e cultura. A natureza se volta para dentro, e a cultura para fora. A cultura põe suas garras para fora e revela a predominância de um signo de morte.

Em “Os avestruzes epistemológicos de cérebro antipopperiano e o drama político-econômico do Antropoceno” de Gustavo Rick Amaral, o Antropoceno é posto como um marco histórico que afigura o declínio do modelo Antropocêntrico, que está no cerne do Modernismo. Ele trata da falência de uma visão iluminista de racionalidade e defende modelos de racionalidade menos idealizados, mais descritivos (portanto menos normativos) com base em evidências fornecidas pelas ciências cognitivas e

pela psicologia experimental. Em “Waman Poma de Ayala, um autor indígena do século XVII: questionando antropocentrismos no Colonialoceno” de Ana Gretel Echazú Böschemeier, Rocío Quispe-Agnoli e Lucrecia Greco, Waman Poma plantea a possibilidade de habitar mundos fora do *cogito* cartesiano, por outra chave do pensar que não a lógica Colonial. Encerro este ponto com uma discussão-chave sobre a nova época que se inaugura com a combinação entre natureza e inteligência artificial. Em “Mesoceno: Antropoceno e a Era dos Meios”, Rodrigo Petronio revisa os conceitos de Antropoceno e Mesoceno, e trata dessa nova etapa que se abre com o fim do Holoceno, tratando a vida (bíos) como algo que desconecta da velha dicotomia entre orgânico e inorgânico. Também as conexões dos seres vivos são repensadas aqui, não mais a partir de qualidades e atributos, mas a partir dos graus de mediações que estes desempenham entre si e com o mundo.

No extradossiê, trazemos também “O conceito de ‘virtual’: de Bergson a Deleuze, de Deleuze a Lévy” de Marcos Aurelio Marques e Ana Maria Di Grado Hessel, que explora o conceito de virtual em Bergson, Deleuze e Pierre Lévy. A saber, como a subjetividade humana é constantemente deslocada, e implicadas pelas relações entre humanos e não humanos, mediadas pela ideia do virtual. Seguimos também com um diálogo reflexivo, “Why sentiments can be logical” por Vincent Colapietro e Winfried Nöth, editada por Guilherme Cestari e Levy Bittencourt. Aqui discutimos em que medida podemos dizer que sentimentos possam ser lógicos a luz da semiótica de Charles Sanders Peirce. Por mais contraditória que possa soar a ideia de “sentimentos lógicos”, os autores buscam elos entre as teorias cognitivas e da emoção. Entendemos que estes temas sejam colaterais ao eixo do dossiê, com temas que são recorrentes no corpo dos textos, dos quais destacamos as relações humanas e mediadas pelo virtual, a lógica como presumida e apressadamente sendo vista como situada no vértice oposto ao das emoções, seguindo à risca os manuais de etiqueta do Descartes...

Concluimos com duas resenhas de livros que acrescentam ainda algumas camadas para os contextos de crise do antropocentrismo, com a resenha de *What's left of human nature?* de Maria Kronfeldner, por Isabel Jungk. Para Kronfeldner, “natureza humana” implica em entender o humano a partir de seus atributos, enquanto por “natureza humana” trata-se de entender o que significa reflexiva e analiticamente ter uma natureza. Se estamos tratando de rupturas no binômio *naturezacultura*, cabe uma reflexão sobre a natureza e como a ciência vem interpretando este termo.

Fechamos com a resenha de *Philosophical Posthumanism*, de Francesca Ferrando, por Matheus Passavante Amaral. O livro trata de quem somos, para onde vamos e o que nos tornaremos. O Pós-humanismo abraça o tempo do agora. Assim somos instigados a passear pelos últimos avanços onto-epistemológicos, científicos e biotecnológicos que vão moldar e re-colocar a problemática do humano.

Terminar em chave pós-humana não é uma definição de um porvir, mas aponta alternativas para impasses dessa crise do Antropos, ou de um humanismo cansado que já deu inúmeros sinais de desgaste, e que precisa de traquejo, de saídas. Terminar em chave pós-humana é um pensamento inacabado, em reticências, mas que pretende se estender como uma ponte sobre águas turbulentas, tentar servir como palavra-foguete, que se impele ao futuro, mas não sem vertigem: vamos com o problema e em busca de novas conexões.

## Referências

- BRAIDOTTI, Rosi. *The posthuman*. Cambridge: Polity Press, 2013.
- CLIFFORD, James; MARCUS, George E. *Writing culture: the poetics and politics of Ethnography*. Berkeley, CA: University of California Press, 1986.
- DANOWSKI, Débora; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2014. *Há mundo por vir?* Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, Instituto Socioambiental.
- FOUCAULT, Michel. *The order of things: An archaeology of the human sciences*. London: Routledge, 2001 [1966].
- GRAY, Ros; SHEIKH, Shela. The wretched Earth. *Third Text*, v. 32, n. 2-3, p. 163-175, 2018.
- HARAWAY, Donna. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham, NA: Duke University Press, 2016.
- KING Katie. *Media in transcontextual tangles: why it matters*. West Lafayette: Berlin Memorial Lecture Purdue University, 2014.
- LAST, Angela. We are the World? Anthropocene Cultural Production between Geopoetics and Geopolitics. *Sage Journal: Theory, Culture & Society*, v. 34, n. 2-3, p. 147-168, 2017.

NODARI, Alexandre. O extraterrestre e o extra-humano: notas sobre “a revolta cósmica da criatura contra o criador”. *Landa*, v. 1, n. 2, p. 251-272, 2013. Disponível em: [revistalanda.ufsc.br/PDFs/ed2/Alexandre%20Nodari.pdf](http://revistalanda.ufsc.br/PDFs/ed2/Alexandre%20Nodari.pdf). Acesso em: 17 jan. 2022.

TSING, Anna Lowenhaupt. *The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.